

## **O SIGNIFICADO DOS PROGRAMAS DO MEC NO COTIDIANO**

**ESCOLAR.** Niriam Gonçalves, Newton Duarte. – Educação – Pedagogia- Departamento de Psicologia da Educação – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara.

Com as atuais políticas educacionais, a escola pública, principalmente a de ensino fundamental, vem sendo obrigada, nos últimos anos a assumir responsabilidades e compromissos educacionais bem mais amplos do que a tradição da escola pública brasileira sempre o fez. Estas recentes políticas públicas, que buscam garantir a permanência das crianças nas escolas pelo menos até o final do período da obrigatoriedade, revelam a percepção, por parte da sociedade, de uma nova identidade para a escola fundamental, sendo a primeira e indispensável condição para tal a integração efetiva de todas as crianças à vida escolar. Os programas “bolsa escola”, as mudanças nos critérios de organização de turmas e de progressão escolar, a inclusão no currículo oficial de temas ligados à saúde, à ética e à cultura, a delegação a cada instituição escolar de maior autonomia na formulação de seu projeto pedagógico, a programação de “dias nacionais” da família na escola, são medidas que pretendem conquistar ou fortalecer a adesão das crianças e suas famílias à escola, prolongando sua permanência nela. Respondendo aos efeitos desse prolongamento, está a “escola social” de cunho único e exclusivo assistencial. Em suma, parece delinear-se uma realidade em que as necessidades sócio-integradoras e de assistência social assumem posição primordial no cotidiano da escola fundamental pública brasileira em detrimento da socialização do conhecimento.

Busca-se de forma pouco explícita e pouco sistematizada, um novo formato para essa escola centrado numa forte ação no campo da socialização primária e da integração social de contingentes da população ainda em grande parte pouco marcados pelo cotidiano escolar. Não é por outro motivo que as secretarias de educação desenvolvem, em muitos estados brasileiros, programas de complementação do horário escolar, com atividades esportivas, culturais ou de “reforço” da aprendizagem.

Por meio de estudos e estágios feitos no curso de Pedagogia e particularmente por meio das visitas a uma escola pública do município de Araraquara, pude verificar que a escola de ensino fundamental hoje fornece pouca reflexão, havendo uma nítida diminuição do conteúdo das disciplinas e, ademais, as disciplinas voltam-se para atividades práticas, sem fundamentação teórica, como “aprender a aprender”; “aprender a ser”; “aprender a fazer”; “aprender a viver juntos”; “aprender a conhecer” etc. Um exemplo dessa descaracterização do trabalho educativo e o das atividades para os sábados, para o dia da “Família na escola” sendo que, na maioria das vezes, os preparativos para esse dia são realizadas na semana, no meio das aulas de disciplinas acadêmicas. Essas atividades são de manicure, pedicure, bordados, confecções de enfeites para casa etc. Eu mesma presenciei uma aula de matemática que os alunos estavam muito interessados em aprender e a docente, simplesmente, interrompeu a aula e disse que a escola tinha determinado que no horário corrente daquele dia, os alunos iriam para o pátio para fazer bandeirinhas para o sábado, para enfeitar a escola para os pais. E isso não aconteceu uma vez, mais várias vezes. Quando a atividade não era confeccionar bandeirinhas era treinar manicure e bordado para pintar as unhas e bordar para quem viesse no sábado. Quanto de conteúdo científico ficou comprometido para estes alunos, pois 35% dos alunos dessa 4ª série do ensino fundamental, não sabiam ler ou interpretar uma frase inteira.

Predomina na escola observada o ensino de forma fragmentada o qual atende muito mais aos interesses do status quo do que às necessidades das crianças da classe trabalhadora. A história da nossa educação está marcada por momentos em que, por puro interesse da burguesia, sofremos transformações no nosso sistema escolar, com o único objetivo de atender a tais interesses capitalistas. Hoje ainda, em meio a essa realidade, vem ocorrendo um processo carente de elaboração política coletiva, conduzido pelos profissionais das escolas, de incorporação de um conjunto de responsabilidades educacionais não tipicamente escolares, sob o argumento de que o trabalho especificamente voltado para a instrução escolar torna-se inviável em consequência da realidade sócio-econômica, cultural e psicológica dos alunos. São atividades relacionadas à higiene, saúde, alimentação, cuidados e hábitos primários. Além disso, observa-se grande dependência afetiva de parcela importante do alunado, que muitas vezes, têm na escola e em seus profissionais a referência mais estável entre suas experiências de vida. Em conversas com os professores daquela mencionada

escola de ensino fundamental, pude constatar que a posição dos professores em relação ao problema é contraditória pois, ao mesmo tempo em que tomam essas atitudes, negam no plano do discurso a atribuição de papéis assistencialistas ao professor. Entretanto, apesar da recusa verbal, revela-se um reconhecimento da inevitabilidade desse caminho na prática, aumentando as ações com sentido educacional preliminar e pouco específico, principalmente nas primeiras séries do ensino fundamental público, mas também nas séries finais.

Por meio de entrevistas feitas com alunos do ensino fundamental do município de Araraquara, com idade entre 10 e 13 anos, pude constatar que para eles os estudos têm importância secundária, estando em primeiro plano as confecções de bordados e enfeites para casa. Eles justificam essa importância por estarem aprendendo uma “profissão” ou aprendendo algo com o qual poderão “ganhar dinheiro”. Os mesmos sabem da importância de estudar mas alegam que falta estimulação para os estudos. As entrevistas realizadas com alunos de 4ª séries mostraram que: 50% do alunado têm tempo para estudar e os outros 50% não têm tempo para estudar; 50% gostam de estudar, mas estudam apenas em época de prova e à noite; 25% não gostam de estudar, alegando que os professores gritam muito e relatam também que é importante estudar para arrumar emprego; 25% não opinaram

Sobre a vida escolar dos alunos entrevistados, 50% têm reprovação e já mudaram de escolas e passaram por uma psicóloga. Outros 50% nunca reprovaram. 50% já se ausentaram de alguma aula, alegando ser uma aula “chata”. Quando foi perguntado para os alunos se eles já tiveram algum sucesso em sua vida? 75%, responderam que ter sucesso é quando tiram boas notas, em atividades e provas. 25% não souberam ou não lembraram de nenhum sucesso que tiveram até hoje.

Quando perguntei por que freqüentam a escola 50% responderam que a família incentiva, por exemplo, a mãe pede para ir a escola, “para ter futuro”, para “garantir um futuro melhor,” um “emprego melhor”. Outros 50% freqüentam a escola por conta das amizades, exemplo conversar e praticar esportes.

Para os alunos entrevistados a escola real é para 75% péssima, alegam despreparo dos profissionais docentes e agressividade pelos mesmos. 25% alegam problemas de infra-estrutura, falta de higiene, principalmente na comida, pouco espaço de lazer, chamam até uma das escolas de “Carandiru”.

A escola ideal seria, para 50% dos alunos, aquela que tivesse funcionários e professores mais bem preparados. E 50% afirmam que uma escola ideal tem que ter melhor infra-estrutura, quadras, piscinas, campo de futebol, computadores com jogos, higiene na comida e menos paredes e grades. E teve um caso que me chamou a atenção, um aluno disse que a escola ideal para ele é aquela que tem professores para explicar para ele por que teve a primeira e segunda guerra mundial, pois o aluno pergunta para os professores e ninguém explica.

Nas disciplinas cursadas 50%, tem dificuldade em Português, Inglês, Espanhol e Ciências e 25% tem em Matemática. Na questão de facilidade, domínio da matéria 75% tem de Matemática; 100% tem em História; 50% dos alunos tem em Educação Artística, Educação Física, Geografia e 25% tem facilidade em informática.

Embora não tendo a pretensão de atribuir validade geral e irrestrita aos resultados desses estudos e observações, parece-me legítimo afirmar que há uma preocupante tendência à transformação da escola numa instituição voltada mais para a assistência social do que propriamente para a socialização do conhecimento.

Essa incorporação desorganizada imposta pelas “circunstâncias”, de novos elementos à rotina da vida escolar, sem um correspondente projeto cultural pedagógico, tem levado à descaracterização, isto é, à crescente perda de identidade da escola fundamental pública brasileira. “Quando uma ilusão desempenha um papel na reprodução ideológica de uma sociedade, ela não deve ser tratada como algo inofensivo ou de pouca importância por aqueles que busquem a superação dessa sociedade. Ao contrário, é preciso compreender qual o papel desempenhado por uma ilusão na reprodução ideológica de uma formação societária específica, pois isso nos ajudará a criarmos formas de intervenção coletiva e organizada na lógica objetiva dessa formação societária”. (Duarte, 2003). Como muito bem nos alerta Duarte, nesta frase citada acima, não podemos aceitar passivamente tudo que nos é imposto na sociedade contra a nossa vontade e contra nossos princípios, é preciso criar formas de intervenções coletivas e organizadas, para assim podermos mudar neste caso o significado desses programas do MEC no cotidiano da escola pública.

Referências Bibliográficas

DUARTE, Newton (1993) - Sociedade do Conhecimento ou Sociedade das Ilusões?  
Campinas: Autores Associados.

Bolsa: PET/ Pedagogia. SESU/ MEC